

O entrelaçamento da memória individual em “Um Falso Mentiroso: Memórias” de Silvano Santiago

RESUMO

Este estudo evidencia as multifocalidades no uso da memória na obra “O falso mentiroso” de Silvano Santiago. A obra apresenta um narrador autodiegético que nos conduzem a uma visão externa, interna e onisciente dos acontecimentos. Por isso, o trabalho faz uma análise do narrador a partir dos comentários que o mesmo tece, refletindo sobre a um conflito entre realidade e ficção. Portanto, o objeto de estudo analisado é a memória individual, a partir das concepções de Maurice Halbwachs que ressalta que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Ele apresenta na sua obra, a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo. Portanto, o reconhecimento da memória como desafio para a escrita da história de Samuel, personagem do livro “O falso mentiroso: memórias”. A problemática é a análise das memórias do narrador que se confundem muitas vezes com a memória do autor. Isso remete a um questionamento: Por que Samuel quer lembrar e para que dessas lembranças? Para buscar a resposta a metodologia de pesquisa é a bibliográfica que segundo Boccato (2006, p. 266), “a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”. Por fim, é necessário destacar que o entrelaçamento da mentira e da verdade, no discurso de Samuel e ainda o uso das metáforas, a análise sobre a arte criam de fato uma estrutura coerente, cujo equilíbrio nos parece estar justamente em seu tombamento ora para o real, ora para o ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Narrativa. Narrador.

Ana Paula Almeida Moreira
ana25hda@yahoo.com.br
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia, Campos, Brasil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tenho duas categorias de adversários. Os primeiros são os que não acreditam na verdade. Eles me olham com piedade. Os outros, os que acreditam na literatura. Eles me olham com indignação. (LEJEUNE, 2008, p.103)

O objetivo deste trabalho é analisar pontos importantes a respeito da memória individual que pode ser observada na obra de Silviano Santiago: “O falso mentiroso: memórias” e estabelecer os pontos de partida iniciais no universo da literatura e a confrontação das chamadas “escritas do eu”.

O trabalho faz uma análise do narrador a partir dos comentários tecidos por ele, refletindo sobre a um conflito entre realidade e ficção, um conflito entre realidade e ficção. Portanto, o objeto de estudo analisado é a memória individual, a partir das concepções de Maurice Halbwachs que ressalta que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. O reconhecimento da memória e de seus duplos sentidos como desafio para a escrita da história de Samuel, personagem do livro. Quando se pensa em memória, há de fazer o seguinte questionamento: Por que Samuel quer lembrar e para que dessas lembranças? Dessa maneira, acredita-se que a lembrança individual é baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos.

Para buscar a resposta, a metodologia é a pesquisa bibliográfica que segundo Boccato (2006, p. 266), ela “busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”. Essas escritas são percebidas através do ponto em que se encontra algo que foi vivido pelo autor da narrativa. Nesse contexto, é válido destacar que

Por mais que a presença do narrador no texto seja familiar, ele não está de fato presente entre nós, mas, sim, “[...] é uma invenção do autor; responsável, de um ponto de vista genético...” (REIS e LOPES, 2007, p.257). Através do narrador, o autor tem a possibilidade de “[...] projetar sobre ele certas atitudes ideológicas, éticas, culturais...” (REIS e LOPES, 2007, p.257)

Na dinâmica da narrativa, o narrador é a parte mais importante da história. Porém como destaca o fragmento acima, o narrador é uma invenção do autor. Ou seja, Samuel é uma invenção do Silviano. Sendo assim, em o “Falso mentiroso”, as memórias são lembradas pelo Samuel, já que ele permeia essa aventura de lembrar fatos de um passado imaginado. Ele, que ao longo da narrativa busca por sua(s) identidade(s) na tentativa de constituir-se como sujeito. Entretanto, no decorrer da narrativa, ele coloca-se como um enjeitado pelo fato de ser adotado e não saber de sua origem. E isso vai ser algo que molda a característica do narrador.

Não tive mãe. Não me lembro da cara dela. Não conheci meu pai. Também não me lembro da cara dele. Não me mostraram foto dos dois. Não sei o nome de cada um. Ninguém quis me descrevê-lo com palavras. Também não pedi a ninguém que me dissesse como eram. (SANTIAGO, 2004, p. 9)

Nas primeiras páginas é possível ainda pensar que se trata de uma autobiografia, porque Samuel Carneiro de Souza Aguiar demora a se apresentar como dono das memórias. Silviano rompe com o modelo de narrativa pautado na

fala do eu, subverte a concepção de que o documental legitima e valida à narrativa ficcional, ao procurar a contracapa o leitor depara-se com os dizeres:

O falso mentiroso: paradoxo atribuído a Euclides de Mileto (século IV a.C), cuja forma mais simples é: se alguém afirma “eu minto”, e o que diz é verdade, a afirmação é falsa; e se o que diz é falso, a afirmação é verdadeira e, por isso, novamente falsa. (Enciclopédia Mirador)

A citação reforça o lado paradoxal do romance, que logo no início traz as palavras do próprio narrador “Posso estar mentindo. Posso estar dizendo a verdade”, quebrando assim o pacto de autobiografia¹ com o leitor. Samuel não é, portanto, Silviano. Mas até que ponto isso pode ser verdade não se sabe. Pois muitos fatos narrados pertencem ao real, como alguns dados biográficos do escritor mineiro. Em entrevista a revista Z Cultural², quando indagado sobre: “De onde vem o conceito de autoficção de que o senhor fala ao se referir a sua obra?”, Silviano ressalta que: “Desde criança, por razões de caráter extremamente pessoal e íntimo – refiro-me à morte prematura de minha mãe? não conseguia articular com vistas ao outro o discurso da subjetividade plena, ou seja, o discurso confessional.” Destarte, Doubrovsky lembra que a autoficção pode-se recortar em fases diferentes, dando uma intensidade narrativa própria do romance. Portanto, uma autoficção basearia na reconstrução da realidade que o escritor concebeu, percebeu e sentiu. É indiscutível que todo discurso é atravessado pelo ponto de vista de quem o profere, mas aqui isso acontece de maneira mais categórica e mais enfática. A autoficção permite a construção de si e do outro ficcional. No artigo, “A narrativa teorizante de Silviano Santiago” (2015), Simone Greco diz:

O leitor de O falso mentiroso é convidado a se despir de qualquer formulação prévia do que entende por “narrar uma vida”, é convidado a abrir mão de conceituações teóricas sobre o que é ficção, é conduzido a repensar o quão frágil pode ser o relato fincado nos pilares memorialísticos. Samuel – o narrador de O falso mentiroso – apresenta inúmeras versões para seu nascimento. O eu-que-diz se propõe a contar a sua história, a sua memória, as lembranças de seu nascimento. As inúmeras versões apresentadas pelo narrador se organizam a partir de eixos dicotômicos: a rejeição (morte)/ a adoção (nascimento); o pai (falso)/ a mãe (verdadeira) ou o inverso. Cada versão dada é substituída por uma nova, com outros detalhes, envolvendo novos e inusitados personagens, muitas são as verdades ou as mentiras contadas, o que leva o leitor a se desencontrar no espaço enunciativo, tecido por um (falso) mentiroso.

O romance “O falso mentiroso” (2004) é uma obra que tem propósito de mostrar uma perspectiva dos vários ângulos literários atribuídos à memória do narrador. A narrativa apresentada tem como protagonista o Samuel, um artista plástico, que é um falsificador nas tintas. Na obra, temos a presença de um narrador autodiegético, que faz um relato memorialístico da sua história, e é por meio dele que conhecemos os outros personagens, pintados a seu gosto, medidos com sua balança, condenados conforme seu juízo. O subtítulo – memórias – agrega um problema a mais ao ensejo de decifração. O gênero memorialístico evoca o resgate do vivido com vistas a salvar o passado de seu esquecimento, circunscrevendo a história do sujeito e o sentido extraído dessa experiência pretérita.

Na verdade, não somos nunca causa da nossa vida, mas podemos ter a ilusão de nos tornarmos seu autor, escrevendo-a, com a condição de esquecermos que somos tão pouco causa da escrita quanto da nossa vida. A forma autobiográfica dá a cada um a oportunidade de se crer um sujeito pleno e responsável. Mas basta descobrir-se dois no interior do mesmo “eu” para que a dúvida se manifeste e que as perspectivas se invertam. Nós somos talvez, enquanto sujeitos plenos, apenas personagens de um romance sem autor. A forma autobiográfica indubitavelmente não é o instrumento de expressão de um sujeito que lhe pré-existe, nem mesmo um “papel”, mas antes o que determina a própria existência de “sujeitos”. Lejeune (LEJENUE, 1980, p. 242)

Nas reflexões trazidas por Lejeune (1980) sobre a utopia da escrita autobiográfica podem ser adicionado com as palavras literárias do narrador-protagonista de Silviano Santiago (2004) em *O Falso Mentiroso-Memórias*: “... Nenhum homem é perfeito. Somos todos cópia do original que se desfez” (p. 35). Segundo Silviano Santiago,

o paradoxo do falso mentiroso é a melhor tradução do que deve ser o papel e a função da literatura. O que é literatura? É um texto ‘mentiroso’, uma ficção que não apreende de maneira direta o real, mas que, nos melhores casos, contém a verdade (SANTIAGO, em entrevista a SEREZA, 2004, p. 10).

Após tomar conhecimento das ideias do escritor acima expostas, é possível crer e descrever das histórias ora inventadas e colhidas da imaginação, ora rebuscadas no universo. A junção da mentira e da verdade, o uso das metáforas, os discursos sobre a arte criam de fato uma estrutura coerente, cujo equilíbrio nos parece estar justamente em seu tombamento ora para o real, ora para o ficcional. Retomando a citação mencionada acima, quando o narrador adverte que: “Posso estar mentindo. Posso estar dizendo a verdade”. O alicerce dessa obra rodeia o tom filosofante e o da imaginação do autor. O narrador sela com o leitor um pacto de ficção, por mais verossímil que seja é ficção. Silviano deseja contemplar o leitor com uma obra que, apesar de ficcional, possui algo de verossímil e, segundo ele, esta é a literatura de boa qualidade.

O narrador pós-moderno, caracterizado pela fratura do viés paternalista e pela descontinuidade histórica, pelo desdobramento do “eu”, que vamos encontrar ressignificado na obra: “*O Falso mentiroso: Memórias*”. O caráter memorialístico eleva as considerações abaixo e servem de baliza para a compreensão do processo mnemônico da produção literária da obra, já que ela permeia as características da narrativa moderna.

[...] a narrativa memorialista [contemporânea da pós-moderna] é necessariamente histórica (e nesse sentido é mais próxima das grandes conquistas da prosa modernista), isto é, é uma visão do passado no presente, procurando camuflar o processo de descontinuidade geracional com uma continuidade palavrosa e racional de homem mais experiente. A ficção pós-moderna, passando pela experiência do narrador que se vê – a si ontem no jovem de hoje, é primado do ‘agora’ (SANTIAGO, 1989, p. 48).

Assim, nesse desdobramento de refletir sobre o conceito da memória individual em associação ao romance *O falso mentiroso – memórias*, faz-se necessário a busca desse entrelaçamento.

DESDOBRAMENTO DO “EU”

Ecléa Bosi (1994), em seu livro *Memória e sociedade*, parte de pressupostos bergsonianos para compor a sua obra. Através dessa autora, pode-se entender de maneira clara a teoria de Bergson como na seguinte afirmação: [...] Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança vive em estado latente, potencial. [...] Depois, ela completa, dizendo que: o papel da consciência, quando solicitada a deliberar é, sobretudo o de colher e escolher. [...] E, finalmente, ela faz uma aproximação ao que Bergson considerava a verdadeira memória, ou lembrança-pura à arte (BERGSON, 1999 p.14).

O trabalho reflete sobre o conceito de memória a partir de Halbwachs (2014) que ressalta que a memória coletiva faz referência a memórias e memórias que valoriza e destaca a sociedade no seu conjunto. Ele fala em seus estudos sobre a existência de uma memória individual que está relacionada diretamente à memória de grupo que se encontra sempre em constantes mudanças. Para ele, a memória é sempre social, isso o indica o fato de que a lembrança só emerge em relação a pessoas, grupos, lugares ou palavras. Desse modo, as molduras sociais da memória que determina a partir dos estudos dos processos sociais de memorização coletiva, são compostas por combinações de imagens, ideias ou conceitos e representações. A memória coletiva é compartilhada, transmitida e construída pelo grupo ou pela sociedade. A memória coletiva está relacionada com fenômenos de opinião pública. Para o teórico, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A disposição de Halbwachs acerca da memória individual refere-se à existência de uma “intuição sensível”.

Assim, “Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível” (HALBWACHS, 2004: p.41).

Não sei por que nestas memórias me expresso pela primeira pessoa do singular. E não pela primeira do plural. Deve haver um eu dominante na minha personalidade. Quando escrevo. Ele mastiga e mascara os embriões mais fracos, que vivem em comum como nós dentro de mim. (SANTIAGO, 2004c: 136)

O narrador supõe umas quatro ou cinco versões para o seu nascimento: filho de pais desconhecidos, filho de seu pai com uma amante, filho de pais residentes em Formiga, Minas Gerais – que, diga-se de passagem, é a cidade natal de Silviano Santiago. Boa parte das nossas lembranças ocorre de forma inconsciente, como bem diz Barthes (1987). “O intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem é raramente localizável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas”. Isso dilui a separação dos conscientes ou inconscientes, uma vez que não somos senhores de nossas lembranças.

As lembranças do narrador são bem detalhadas, a narrativa é preenchida por reinterpretações contínuas, que tentam pormenorizar todos os fatos, gestos, deslizos, traumas do narrador. São muitos os exemplos, afirma: “Até hoje. Tenho pavor de colher entrando na minha boca” (SANTIAGO, 2004, p. 22). Logo em seguida, justifica seu pavor sobre colheres, reafirma o que já havia sido dito, explica novamente, e assim, ele preenche o espaço da narrativa interligando as ações e os comentários, retornando ao mesmo ponto do início: a ausência da mãe verdadeira como a causa, a razão de todos os seus problemas e traumas, inclusive o de não gostar de leite.

As reflexões do primeiro capítulo termina com o retorno às primeiras indagações: “o que tudo isso tem a ver com torcicolo (grifo do autor) na idade madura?” (SANTIAGO, 2004, p. 25).

O filho adotivo de Eucanaã pertencia a uma família com boas condições: filho único, pai abastado, mãe protetora, estudou nas melhores escolas do Rio de Janeiro, porém lhe faltava à origem. As perguntas que movem todo homem na necessidade de explicar sua existência, “quais são minhas origens?” e “quem sou?” eram para Samuel seguidas de um vácuo.

Ainda não me apresentei. Me chamo Samuel. Caí de pára-quedas entre os Carneiro, no lado materno, e entre os Souza Aguiar, no lado paterno. Samuel Carneiro de Souza Aguiar. Não sei como fui chamado na maternidade, se é que minha mãe verdadeira chegou a proferir o nome do filho a que tinha dado à luz. Não sei o nome das duas famílias de que verdadeiramente descendo. (SANTIAGO, 2004, p. 21)

Samuel posiciona-se durante toda a narrativa chamando os pais adotivos de falsos: “A minha mãe falsa justificava a dieta para babá. Meu pai falso tinha pavor de me ver crescer sem dentes” (FM. P. 16 (grifo meu)). A vida que ele levava era uma vida falsária, por esse motivo considerava-se uma cópia. Ele é uma cópia, não é original desde seu nascimento, é cópia de cópia da cópia, como todas as artes, e por esse motivo é original. Portanto, na narrativa, o narrador menciona o seguinte comentário:

Não sei se conto. Conto. Na minha certidão a data de nascimento não é a do meu nascimento. É a data da minha morte para os meus pais. Os verdadeiros. O dia do meu nascimento na certidão é o do meu renascimento na casa dos meus pais. Os falsos. Nasci e morri aos dezoito dias de vida no berçário da maternidade. Com o nome verdadeiro. Ressuscitei-me ao deixar a tenda de oxigênio. Tive papai e mamãe. Perdi-os no tempo e espaço. Falta o atestado de óbito. Renasci na casa paterna. No berço do quarto de dormir do casal. Em Copacabana. Com o nome que trago. Somos dois. Somos um. Um é cópia do outro. (SANTIAGO, 2004, p. 48)

O personagem Samuel, como já mencionado não sabe quem o gerou. “Não tive mãe. Não me lembro da cara dela. Não conheci meu pai. Também não me lembro da cara dele” (FM 6, p. 9). Saber sua origem é o maior dilema de sua existência e o motivo de seus torcicolos.

O torcicolo podia ter sido efeito não do excesso de peso dos conselhos paternos. Do oposto. Efeito duma lacuna. Da falta de imagem paterna pode ser também a causa da lacuna. Causa ou efeito? Em virtude dos

torcicolos e das conseqüentes aplicações no consultório do Dr. Feitosa, acabei por voltar aos dias da maternidade. Por lá ter voltado, descobri-me enjeitado pelos pais e sequestrado por substitutos. Papai, o verdadeiro, e a lacuna causada por sua ausência se confundiam e embaralhavam o papel pedagógico de papai, o falso. Que Descartes perdoe a heresia do meu duplo cogito! (SANTIAGO, 2004, p. 13).

A partir da página 43, o protagonista começa a apresentar diferentes versões para o seu nascimento, o seu abandono pela mãe biológica, sua adoção por uma família desestruturada psicologicamente ainda que estruturada financeiramente. Em meio às lembranças frias e emblemáticas do personagem Samuel, ele nos apresenta a primeira versão do seu nascimento. O dia em que deixa a maternidade, com dezenove dias de vida, é o primeiro exemplo:

Não me despeço de mamãe. Será que ainda está por aqui? Posso olhar, pensar, chorar, ainda não posso falar. Abro o bué. [...] Sou transportado de ambulância para a casa dos meus pais. Os falsos. A enfermeira menos graduada me entrega na porta dos fundos da casa de Copacabana. Como carrocinha, que entrega pão e leite em domicílio. “Padeiro!” “Leiteiro!” Embrulho de pão e garrafas de leite entram pela porta dos fundos e são 124 recebidos pela cozinheira. Madrugadora. Satisfazem a fome matinal dos burgueses, sem despertar os dorminhocos. Cheguei depois do pão e do leite. (SANTIAGO, 2004, p. 43)

O filho de Ana e Eucanaã era incompatível a família burguesa, por quem fora adotado clandestinamente, foi um dos caprichos de sua mãe, sempre prontamente atendidos por seu pai, desde que se pudesse alcançá-los por intermédio do dinheiro. Por ser infértil e rica, sua mãe sofria com os pérfidos comentários de suas irmãs pobres e férteis. Samuel apresenta outra possibilidade para seu nascimento, acredita que vinte dias após seu nascimento, ao ser entregue à adoção para uma mãe falsa e um pai verdadeiro, nasceu uma cópia de seu eu. O pai de Samuel, Eucanaã, casado com Dona Ana, detinha várias amantes, as quais, frequentemente, engravidavam. Até então, sempre geraram meninas. Seu pai as oferecia para adoção a sua esposa, que as enjeitava alegando querer um filho homem. Assim que uma de suas amantes pariu um garoto, Eucanaã pagou uma das enfermeiras do hospital para que ela o entregasse em sua casa. Para além da formação da memória, Halbwachs aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, “é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 2004, p. 76-78).

Combinou a mãe verdadeira de Samuel detalhes com a obstetra. Assinou todos os papéis legais na maternidade. A enfermeira cegonha lhe foi apresentada como pessoa de total confiança. Eu (o original) nasci. O médico assinou. A maternidade atestou. A mãe desapareceu. Entrou em cena a cegonha e logo depois, ao ritmo do fedor de creolina, sabão preto e cera Parquetina no assoalho, entrei pela porta dos fundos da casa em Copacabana, encolhido pela nova mãe. Ao lado do verdadeiro pai. Nascia a cópia (SANTIAGO, 2004, p. 58).

Outra característica bastante intensa do narrador é o fato de ele ser um observador da vida dos familiares e, mais assiduamente, da vida do pai. Ao mencionar a doença do pai e a questão do suicídio, coloca-nos diante da fala do pai:

Que filho porra nenhuma! Um bastardo que a gente encontrou na rua. À mingua de água, comida e carinho. Um bastardo que cultua a figura de Alexander Fleming não merece a mínima consideração do fabricante de camisinhas-de-vênus. Ao inferno com ele! (SANTIAGO, 2004, p. 129).

Diante disso, a constatação “e ainda me perguntam por que eu sou triste!” No jogo do desdobramento e da ironia, o narrador toma de assalto o leitor em sua derradeira performance:

Chega de mentiras. Não serei um falso pai falso, como o doutor Eucanaã. Não me casei com Esmeralda. Não tive filhos com ela. Se me colocarem contra a parede deste relato, confessarei. Tive dois filhos virtuais. Não poderia tê-los tido. Não os tive. Inventei-os. Inventar não é bem o verbo. Gerei-os em outro útero. Com a mão esquerda (sou canhoto) e a ajuda da bolinha metálica da caneta bic (SANTIAGO, 2004c, p. 222).

Com relação ao título do livro, o próprio narrador vai explicando sua história, “Sou um falso mentiroso. A arquitetura era mentira piedosa para o papai. A advocacia, para ela. Duas mentiras, duas falsas afirmações de vida. Nem arquiteto nem advogado. Uma terceira escolha galopava sem montaria no lombo das duas mentiras”. A fim de ilustrar a estratégia da metanarrativa, Silviano surpreende pelo final inesperado. O resto, como diria o próprio Samuel, é pa-ra-rá, pa-ra-rá, pa-ra-rá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa do livro analisado, estabelece a partir do jogo entre verdade e mentira. O personagem Samuel vive um dilema, pois não sabe quem o gerou. Samuel apresenta várias possibilidades para seu nascimento. Toda a história narrada não passa de uma mentira, e por ser assim, torna-se uma das maiores verdades. Pois é uma verdade poética. Diz Samuel, quer dizer, Silviano, ou melhor, ambos talvez. A junção da mentira e da verdade, o uso das metáforas, os discursos sobre a arte criam de fato uma estrutura coerente, cujo equilíbrio nos parece estar justamente em seu tombamento ora para o real, ora para o ficcional. O narrador sela com o leitor um pacto de ficção, por mais verossímil que seja é ficção.

Por outro lado, é importante falar sobre memórias, pois segundo o sociólogo Maurice Halbwachs, a memória coletiva é comumente tomada como algo profundamente individual ou íntimo. Dessa maneira, as lembranças serão sempre constitutivos da memória - tanto da “individual” quanto da coletiva. E a memória individual não pode ser compreendida sem ter em conta o contexto social.

The interlacing of individual memory in “O Falso Mentiroso: Memórias” by Silviano Santiago

ABSTRACT

This study highlights the multifocalities in the use of memory in Silviano Santiago's work “O falso mentiroso”. The work features an autodiegetic narrator that leads us to an external, internal and omniscient view of events. For this reason, the work analyzes the narrator based on the comments he makes, reflecting on a conflict between reality and fiction. Therefore, the object of study analyzed is individual memory, based on the conceptions of Maurice Halbwachs, which highlights that “each individual memory is a point of view on collective memory”. He presents in his work, the existence of an intimate relationship between the individual and the collective. Therefore, the recognition of memory as a challenge for the writing of Samuel's story, character of the book “O falso mentiroso: memórias”. The problem is the analysis of the narrator's memories that are often confused with the author's memory. This leads to a question: Why Samuel wants to Remember and for what of these memories? search for the answer the research methodology is the bibliography that according to Boccato (2006, p. 266), “bibliographic research seeks to solve a problem (hypothesis) by means of ref published theoretical references, analyzing and discussing the various scientific contributions”. Finally, it is necessary to highlight that the intertwining of lies and truth, in Samuel's speech and also the use of metaphors, the analysis of art create in fact a coherent structure, whose balance seems to us to be precisely in its tipping, now for the real, now for the fictional.

KEYWORDS: Memory. Narrative. Narrator.

NOTAS

¹ Concepção apresenta por Philippe Lejeune que aborda que as autobiografias são textos que mimetizam “uma comunicação com a pessoa a quem se dirige o relato”

² SANTIAGO, Silvano. Ana Crelia Dias entrevista Silvano Santiago. Z Cultural Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, ano V, n. 1, 2010. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/ana-crelia-diasentrevista-silvano-santiago/>. Acesso em 10 jan. 2020

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DOUBROVSKY, Serge. •Os pingos nos ii•. In: JEANNELE, Jean-Louis, VIOLET, Catherine. (Org.). **Genèse et autofiction**. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, 2007

GRECO, Simone. A NARRATIVA TEORIZANTE DE SILVIANO SANTIAGO. **RED_Revista de Ensaios Digitais**. Rio de Janeiro. Número 1, 2015. ISSN: 2525-3972 Disponível em: <http://revistared.com.br/artigo/27/a-narrativa-teorizante-de-silvano-santiago>.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: De Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SANTIAGO, Silvano. **O Falso Mentiroso**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

Recebido: 16 dez. 2016
Aprovado: 10 jan. 2019
DOI: 10.3895/rl.v21n35.5228

Como citar: MOREIRA, Ana Paula Almeida. O entrelaçamento da memória individual em *Um falso mentiroso*, de Silvano Santiago. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 35 p. 81-91, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

